ANO 7.º — Sexta-feira, 5 de Fevereiro de 1915 — NUMERO 356

O DEMOCRATA (AVENCA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

O crime dos republicanos

De toda a parte se ouve o rebate vigoroso contra a inexgotavel série de crimes politicos cometidos; de todos os lados se erguem clamores formidaveis amaldiçoando esse espectaculo indigno e tôrpe em que se empenham, numa furia de doidos, quantos sobre os seus hombros teem o pezo das mais gràves responsabilidades, sagradamente tomadas perante a Nação inteira—pela sua palavra e pela sua honra!

Para que negal-o? Para que tentar, sequer, desvanecer as gràves consequencias de profunda alteração social, originadas exclusivamente nesse tumultuar de paixões improprio de homens que selaram com a solemnidade da ocasião as mais formaes promessas de regeneração e de costumes politicos e administrativos?

De violencia em violencia, de desvarío em desvarío tem sido submetidas às mais duras e perigosas provas a Patria e a Republica, como cousas bem mais deminutas de se perderem ante a efemera prespectiva da posse do govêrno, da presidencia dum ministério!

Aos que cercam e animam, intrigam e irritam aqueles que, pelo seu logar de chefes, não deveriam ouvir mais que a voz sagrada dos altos interesses da Nação e vêr o prestigio das instituições, póde ser que lhes agrade e aproveite, para a satisfação das suas ambições e vaidades, o resultado vergonhoso e indigno déssas lutas mesquinhas; mas para nós, como para todos quantos, acima de tudo, colocam os destinos da Patria, taes chefes e taes ajudantes só merecem a justa execração dos que, em consciencia, pézam a gravidade para onde caminha este desgraçado país.

Nésta mizeravel furia, que atinge a vertigem, da posse do podêr, nada se poupa, nem sequer o proprio decoro pessoal e politico dos que se exibem em tão tristes e repugnantes cênas!

Foi ísto que prometeram ao povo?

Nestes baixos e perigosos espectaculos, néstas mesquinhas e mizeraveis lutas, é que está a realisação dos compromissos tomados com a nação inteira, quando esses homens, á luz do dia, invocavam a sua honra como garantia das suas promessas?

Arrastaram já á beira do abismo, espezinhadas, feridas numa inconsciencia de tarados, as instituições que tantas vezes juraram defender com a afirmação de que representariam uma nova era de ordem, de respeito e de equidade. Lançaram o exercito no caminho das desafrontas que ha muito toda a casta de violencias naturalmente lhe impônha, e não contentes com isso pretendem até provocar de novo outro abalo com o triste caso de Extremoz.

Não, não póde ser! Este estado de coisas não póde continuar.

A Nação não póde estar entregue nas mãos de quantos se julgaram senhores déla, jogando com a mais criminosa parcialidade a sua propria existencia, os seus mais genuinos interesses.

Tem éla dado as mais alevantadas provas de segura orientação e prudencia na presença dos desmandos e das loucuras que toda éssa gente está apostada em cometer.

Contudo, tal atitude de ponderada espectativa, não obsta a que de toda a parte surjam provas manifestas de reprovação ao que se está passando e que tanto compromete o brio nacional.

Não se imponham ao país, assim, déssa maneira vergonhosa e intoleravel!

Imponham-se, sim, pela realisação dos seus programas politicos e administrativos; reformem o registo civil, evitando que êle represente a mais injustificada e pezada contribuição que o povo suporta; reformem a instrução secundaria que é o mais absoluto desmentido a quanto sobre esse assunto se prometeu; forneçam ao soldado camas, roupa, botas, armas e instrução; abram-lhe o coração ao amor pela Patria e respeito pelo superior e não lhe deem exemplos da mais inqualificavel indisciplina; cumpram e mantenham quanto prometeram aos padres pensionistas, não limitando apenas ao pagamento da sua pensão quanto o Estado tem o dever de dispensar-lhe em protecção para que ele não sofra os vexames e os efeitos da perseguição eclesiastica; orientem-se nos mais alevantados principios politicos e patrioticos para que, da falta déssa observancia, não resultem a constituição de ministérios, quasi que exclusivamente militares evitando assim que esse podêr se sobreponha ao podêr civil; meçam os seus actos pelas suas palavras; façam justiça a quem a tivér; não afastem de si os republicanos velhos e dedicados que conservam no peito como reliquia sagrada, o respeito, pelo regimen, manifestado na equidade, no prestigio e no cumprimento da lei; tornem em realidade o texto dos seus programas politicos e o povo, a nação inteira estará, creiam-no, com aquêles que melhor encarnarem e cumprirem os sagrados dirêitos e aspirações da maior parte.

Basta de vergonhas, basta de mizerias!

Mas se a eminencia do perigo, proveniente dos erros acomulados não é bastante para modificar os seus responsaveis, bem mais preferivel será então que se afastem para onde não façam mais perca.

Que a Nação melhor viverá sem os auxilios de tão perigrinos servidores.

Junta Geral do Distrito

Presidida pelo cinadão Antonio Carlos Vidal, na ausencia do sr. dr. Marques da Costa, reuniu no sábado a Comissão Executiva da Junta Geral a que tambem assistiram os vogaes Arnaldo Ribeiro, secretário, dr. João Elisio Sucena e dr. Samuel Maia.

Aprovou o orçamento ordinario para o ano economico de 1914-1915 da confraria do Senhor Jesus do Bemdito, da freguezia da Vera-Cruz, do concelho de Aveiro.

Aprovou tambem as contas relativas ao ano economico de 1913-1914 das seguintes irmandades: de N. Senhora do Desterro, da freguezia de Arada; do S. Sacramento, da freguezia de S. Vicente de Pereiras; do Coração de Maria e de Santo Antonio, da vila de Ovar; do S. Sacramento e de N. Senhora do Rosario, da freguezia de Macêda; do S. Sacramento, das Almas, de N. Senhora da Penha de França e de N. Senhora do Rosario, da freguezia de Esmoriz, todas do concelho de Ovar; do Santissimo, da freguezia de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis; do Santissimo, da freguezia de Lourêdo, concelho da Feira e do Santissimo, da freguezia de Angeja, concelho de Albergaria-a-Velha.

Autorisou pagamentos na importancia de 621$09, encerrando-se em seguida a sessão.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

31 de Janeiro

Regista-se mais um aniversario desta gloriosa data que marca na historia de Portugal a primeira tentativa revolucionaria para a implantação da Republica.

O Porto, fiel ás suas tradições e orgulhando-se de ter sido a dentro dos seus muros que esse batismo de sangue se realisou ha 24 anos, não esqueceu o dia e, assim, numa grandiosa e imponente romagem á campa dos martires da gloriosa jornada, mostrou que está firme no seu posto, inabalavel na sua fé, aferverado nas suas crenças.

Houve uma época em que nós passavamos junto do sarcofago dos que caíram varados pelas balas na tragica madrugada, vitimas do seu ideial, uma grande parte deste dia como que a recolher energia para a luta, força, vigor e alento para o combate em prol da mesma causa. Vai isso ha muitos anos já. Como recordâmos, com saudade, esses ditosos tempos! E como nos entristece vêr quasi perdidas tantas ilusões, tantas esperanças e inutilisados tantos esforços dados com a maior abnegação e desinteresse em holocausto ao regimen do povo pelo povo!

Mas... coração ao alro! A Republica não tem culpa de ter tão maus servidores. A Republica carece de purificar-se? Purifique-se. A ela estão confiados os destinos da Patria. Por ela, pois, tem obrigação todo o português de se apresentar a defende-la dos seus algozes, ainda que para isso seja necessaria uma nova revolução.

Herois do 31 de Janeiro! Martires, que repousais, para sempre, dessa famosa epopeia: inspirai, inspirai os homens que parecem apostados a desvirtuar a obra pela qual desteis a vida!

Guiai os seus passos, que a Nação vos abençoará.

O FRIO

Tem sido intensissimo desde os fins de janeiro em todo o país, havendo alguns pontos em que a neve atingiu extraordinaria altura, como jámais se viu.

O aspecto da serra, nomeadamente nos dias de sol, toda branca, era digno de vêr-se não faltando por isso quem escolhesse sitios proprios para gosar tão deslumbrante espectaculo.

O termometro chegou a marcar em Aveiro, dentro de casa, 4 graus acima de zero.

Carta historica

Um grito de alma soltado pelo venerando presidente da Republica

Veio ultimamente a publico a seguinte carta escrita pelo sr. dr. Manuel de Arriaga ao atual chefe do govêrno:

Meu caro Pimenta de Castro

Vejo-me violentado a intervir, novamente, nesta amaldiçoada barafunda politica em que as paixões sectaristas e a intolerancia dos velhos costumes tem envolvido esta nossa querida Patria.

Se não se acode desde já com firmeza e prontidão ao incendio em que as facções estão ardendo ha muito tempo, como desejando reconduzir tudo isto á podridão e á miseria: estâmos perdidos.

Isto não são frases: isto é uma inevitavel realidade!

Careço de ti e de fórma que sem ti poderá caducar para sempre o remedio a dar-se ao grande mal.

Em duas palavras: preciso de um govêrno extra-partidario com o acordo senão de todos os partidos (e talvez se consiga) ao menos por quasi unanimidade para atalhar ao antagonismo que pretendem introduzir na Republica e no Exercito.

Deste govêrno serás o presidente e ministro do interior, e será ministro dos estrangeiros o Freire de Andrade ou outro de egual valor.

Os mais serão escolhidos pelos tres partidos militantes conforme ajustarem entre si, quanto se possa conseguir, com a clausula expressa de ficar interdicta entre eles a politica partidaria até ás eleições geraes.

O teu austero e belo nome servirá para garantir a genuidade do sufragio, a conciliação e a paz na Republica e no Exercito.

Esta ideia, que ha um mez atraz era repelida pelos politicos militantes, hoje dizem-me, e eu creio, será aceite e imposta pelas imperiosas forças das circunstancias.

Eu que anceio por ir-me embora, conservo-me ao teu lado até ao fim da chefatura (e que grande sacrificio não faço em ficar!)

E' necessario que outro tanto te suceda. Tem paciencia: somos dois velhos que nos vemos obrigados a dar alento aos novos.

Por tudo, pois, te peço que neste momento, tão angustioso para mim e tão gràve para a Nação, não te esquives; não venhas com evasivas.

Peço-te em nome da Republica e da Patria que não me abandones.

Será curto o nosso cativeiro; e ao fim dele, seremos compensados com a paz da nossa consciencia, por havermos servido de algum bem á Patria gloriosa onde nascemos.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1915.

(a) **Manuel de Arriaga**

Para o grande espirito, que sempre guiou o autor destas linhas, assim produzir um desabafo tão ardente como o que constitue a essencia da carta que deixâmos estampada nas colunas do *Democrata*, é preciso realmente que muito haja sofrido o venerando ancião e que os desgostos tenham sido inumeros, tenham sido profundos.

Não tivéram os politicos o bom senso de o poupar, obrigando o velho e austerissimo republicano a dizer aquilo que talvez fosse mais conveniente guardar. Por isso para eles vão todas as responsabilidades da situação, todas as culpas do estado anarquico a que chegou Lisboa, cuja cidade não é, nem póde ser considerada o país por principio nenhum. E este, constituido por todas as provincias, tem o direito, o indeclinavel dever mesmo, de repudiar, com indignação, tudo quanto não seja tendente a sanear a atmosféra politica em que se acham envolvidas as instituições com gràve risco para a Patria e para o decoro nacional.

Saiba-o Lisboa. E enquanto é tempo, ponha-se côbro ao descalabro, á vergonha porque está passando o regimen por culpa dos homens que o servem.

Nova expedição

Embarcaram na quarta-feira em Lisboa e seguem, caminho de Africa, a bordo do *Ambaca* e do *Portugal*, as forças expedicionarias que vão juntar-se ás que se encontram no sul de Angola e com elas operar o desalojamento dos alemães do nosso territorio, caso não sejam verdadeiras as noticias que de ali chegam sobre a retirada dos subditos do *Kaiser*.

A' partida houve imponentes e patrioticas manifestações ao exercito e á Republica, indo acompanhar até fóra da barra os navios que conduziam a expedição, dezenas de embarcações cheias de povo que constantemente vitoriou os bravos militares.

O sr. Presidente da Republica fez-se representar na despedida.

NÃO DETURPEM

Vimos já os termos em que a oficialidade da guarnição de Aveiro aderiu ao movimento de solidariedade que se operou em todo o país por ocasião da transferencia do major Craveiro Lopes, termos que de fórma alguma pódem oferecer duvidas sobre a intenção que ditou esse procedimento, e hoje identicas declarações temos ensejo de publicar tendentes a restabelecer a verdade dos factos e a que se faça ao exercito a justiça que ele realmente merece.

Assim, em Viana do Castélo, além de artilharia 5, aderiu tambem ao movimento de 19 de Janeiro, infanteria 3, que depois de enviar um telegrama nesse sentido, fez chegar ás mãos do chefe do estado maior da 6.ª divisão, em Braga, o seguinte honroso documento:

Confirmando o meu telegrama envio a V. Ex.ª, para conhecimento de s. ex.ª o general, esta declaração assinada por mim e pelos oficiaes da séde do regimento do meu comando que, colocando acima de tudo os interesses da Patria e da Republica, dão a sua adesão ao movimento dos oficiaes da guarnição de Lisboa enquanto ele represente simplesmente o intuito da mesma oficialidade em garantir á sua corporação e ao exercito a que pertencem o bom nome de que sempre tem gosado. Para evitar falsas interpretações todos somos concordes em nos acharmos desligados desta nossa atitude desde que dela vejâmos surgir perigos para as instituições vigentes.

Egual declaração, ou semelhante, fizéram por toda a parte os regimentos que se pronunciaram, publicando o major de engenharia Vieira Ribeiro, atualmente em Vila Real, um manifesto, que conclue assim:

Cidadãos! o Exercito não pertence a nenhum grupo politico. Não é do sr. Afonso Costa, do sr. Antonio José de Almeida, nem do sr. Brito Camacho, é da Republica. O seu papel é mais nobre e elevado do que ser serventuario dos interesses e paixões dos partidos: é a garantia da liberdade, é a garantia da ordem e do trabalho, é o fiel da balança entre as paixões dos partidos, tendo de lhe garantir a liberdade de acção sem favorecer nenhum deles; mas por isso mesmo tem de ser livre e digno e brioso sem que na sua organisação interna se intrometam as paixões e interesses dos partidos politicos.

Isto é apenas a amostra, por quanto se fossemos a publicar tudo não chegariam as paginas do jornal só para as comunicações colectivas em que o exercito tem dado as mais exuberantes provas de dedicação á Republica, unico regimem a que se acham ligados os destinos do povo lusitano.

Assim os chefes politicos o tivéssem entendido...

Exemes de admissão á Escola Normal

Maria de Melo e Castro e José Manuel Moreira, professores oficiaes nesta cidade, habilitam para estes exames, achando-se já aberta a respectiva matricula.

Rua do Caes, n.º 15—B

E' FALSO

Um jornal désta cidade, *O Progresso*, diz no seu ultimo numero, que, pelo cofre da policia preventiva, grossos cobres teem saído para alguns *formigas* da terra, acrescentando ainda que um *chefe* ganhava meia libra por dia, o *sub-chefe* escudo e meio e assim por diante.

Está claro que o *Progresso* se fôr chamado a concretisar estes factos os não comprova, assim como desde já os atribue ao vulgo para maior facilidade da sua defêsa. Porque a verdade é esta: em Aveiro não existem *formigas* nem *formigões*, mas sim velhos republicanos, dedicados amigos do regimen sempre prontos a defende-lo desinteressadamente e não com a mira em recompensas que lhe possam ser canalisadas por quaesquer vias, ainda as mais compativeis com a legalidade. Poderá haver intrusos que, para alegar serviços e portanto fazerem jus a empregos publicos, se tenham misturado com os verdadeiros democratas e de alguma sorte comprometido as suas intenções. Essa canalha não tem cotação. Nunca a teve. E por tal motivo se acha ipso facto desligada dos sincéros republicanos, que, não sendo *formigas* nem *formigões*, perentoriamente repudiam as insinuações do *Progresso*, classificando-as simplesmente de infames.

Ainda os ultimos acontecimentos

O que sobre eles diz o comandante da guarda fiscal Matos Cordeiro

Um jornal de Lisboa entrevistou a seguir aos sucessos recentemente produzidos na capital, o coronel, sr. Matos Cordeiro afim de saber o que determinou a sua atitude e a dos seus camaradas, a proposito do falado golpe de Estado, sendo portanto do referido periodico o que vai lêr-se sem alteração duma virgula:

«Constando do relato das noticias sobre os ultimos acontecimentos que os oficiaes da guarda fiscal se haviam recusado, na manhã em que o *afonsismo* pretendeu dar o golpe de Estado, a cumprir ordens dos ministros demissionarios, procurámos hoje saber toda a verdade sobre a atitude que em momento tão grâve tomou aquéla patriotica corporação.

Assim, dirigimo-nos ao comando geral da circunscrição do sul, onde nos avistamos com o comandante sr. coronel Matos Cordeiro.

Sua ex.ª, que estava no seu gabinete, quando nos fizémos anunciar, conversava com um dos seus oficiaes, e ainda sobre os acontecimentos. E' até com um cérto prazer qua nos recebe, diz, para que, pela imprensa, se esclareça o publico sobre cértos pontos da nota oficiosa que apareceu nos jornaes ha dias e que á guarda se refere.

—Não ha duvida que éla se refere a todos esses pontos, diz o sr. Matos Cordeiro, mas numa fórma cavilosa, propositadamente para nos deixar ficar mal, a mim e aos meus oficiaes.

—Estâmos aqui para saber tudo, dizemos nós, se v. ex.ª assim o intender, pois entre o publico correm diferentes versões, o que é natural em casos destes, em que muitos detalhes ficam sempre por esclarecer, uns por conveniencia, outros por más interpretações.

—Nesse caso, diz-nos o comandante, eu relatar-lhe-ei tudo desde o seu inicio, e, como já lhe disse, tenho até cérto empenho em esclarecer toda a verdade, para que justiça nos seja feita.

Assim, passa a explicar o caracter do movimento geral dos oficiaes, que nada tinha de politico, pretendendo-se apenas que houvésse um procedimento legal, pois a maneira como se fez a transferencia do major Craveiro Lopes não era digna, não só para aquele oficial, mas para toda a corporação.

Em seu intender, deveria terse procedido a uma sindicancia, nomeando-se para esse fim pessoa idonea, um oficial que cabalmente se pudésse desempenhar da sua missão.

O que não se compreende, diz, é que, por uma simples indicação de civis, o ministro tivésse procedido sem consideração pelos brios dos seus camaradas.

Foi em vista disto que os oficiaes se começaram a manifestar, formulando depois as bases das suas reclamações que levaram ao general sr. Pimenta de Castro, por ser o oficial mais antigo da sua patente e um dos mais considerados do exercito.

Depois, deu-se aquilo que todos sabem: um brilhante movimento de solidariedade, sem especulações na soldadesca e sem fins perturbadores.

A oficialidade da guarda fiscal, que nas primeiras horas havia sido enganada pelo governo, logo que viu o logro, aderiu tambem ao movimento e ao ministro das finanças mandou uma nota energica — que me valeu a minha demissão do comando.

—E quem lh'a comunicou?

—O coronel André Bastos, chefe da repartição da guarda fiscal no ministério das finanças e que com o movimento se tinha tornado solidario.

—Mas não se compreende que esse oficial lhe notificasse essa ordem e ficasse sem se manifestar...

—Não se compreende, talvez, mas o cérto é que ele continuou no seu logar e ás ordens do govêrno.

E o sr. Matos Cordeiro prosegue:

Disse-lhe ha pouco que, nas primeiras horas nós tinhamos sido enganados, e eu quero explicar-lhe como o fômos.

Na noite de 19 fui chamado ao ministerio das finanças e o sr. dr. Alvaro de Castro comunicou-me que se esperava se déssem actos insurreccionaes, sendo necessario que eu destacasse as forças da guarda fiscal para diferentes pontos da cidade, sendo um deles o Terreiro do Paço, onde ficaria uma força de guarda aos ministérios. Disse-me o mesmo senhor que os oficiaes de cavalaria tencionavam saír para a rua com os soldados e insurreccionar os expedicionarios que deviam partir no outro dia.

Acreditei, como era natural, visto naquéla altura não conhecer ainda bem todo o movimento dos oficiaes; e como a guarda fiscal tem estado sempre ao lado da Republica para a defender, eu não duvidei um só momento no cumprimento desse dever.

Pelo ministério me conservei algum tempo, e quando o conselho acabou, o ministro veiu dizer-me que a guarda fiscal devia partir antes para Belem, a guardar o Paço da presidencia e que, se alguns oficiaes de cavalaria ali quizèssem entrar, que os prendesse.

Dei imediatamente as minhas ordens e á meia noite começaram a marchar para o local as forças dos diferentes postos, que lá estivéram toda a manhã, como toda a gente sabe.

Foi só depois disso—diz com magua o coronel Matos Cordeiro —que eu soube das intenções daqueles oficiaes e que tive conhecimento perfeito de todo o seu movimento.

No domingo já eu sabia que o sr. general Pimenta de Castro havia tomado encargo de solucionar a questão, e ás 9 e meia da noite tive conhecimento de que o sr. Presidente da Republica o havia encarregado de formar gabinete.

A guarda estava toda de prevenção e eu, que ha dois dias não dormia, encostei-me um pouco.

Das duas para as tres da madrugada foram acordar-me, porque, pelo telefone, o sr. coronel André Bastos me chamava.

Era do ministério das finanças.

Disse-me aquele oficial, que o sr. ministro das finanças determinára que eu mandasse imediatamente todas as forças para o quartel dos marinheiros.

Qual ministro?—perguntei eu ao sr. Bastos.

—O sr. Alvaro de Castro.

—Diga-lhe que me recuso a cumprir essa ordem.

—Veja bem, veja bem o que faz, diz-me de lá. Eu não posso ir dizer isso ao ministro!

Não lhe respondi mais.

Então perguntou-me: E se eu comunicasse isso ás diferentes companhias?

—As companhias só cumprem as ordens do seu comandante e eu só obedeço neste momento ao sr. general Pimenta de Castro.

Explica-nos então o sr. Matos Cordeiro a razão do seu proceder, que foi não só pelo facto de estar exonerado do logar, mas por saber que o sr. general Pimenta de Castro estava encarregado de organisar gabinete.

—Se eles lá me queriam, a mim e aos meus homens, com certeza não era para nos serem agradaveis—acrescenta o nosso interlocutor.

Efectivamente, de manhã tive conhecimento de que no arsenal estavam armados 200 civis e parece que com intenção de nos chacinarem a dinamite.

Imagine que desgraça isso não seria para os meus homens quasi todos casados e com filhos!

Apezar daquéla resposta não desistiram.

Pouco depois o coronel voltou a falar pelo telefone, dizendo que o ministro insistira e se eu não cumprisse a ordem me mandava prender.

—Tambem eu insisto, disse— não vou lá e se quizérem mandem-me prender.

Nésta altura elucida-nos que não disséra pelo telefone, como afirma a nota oficiosa, que tinha lá muita gente para o defender.

E foi assim que as coisas se passaram, disse-nos o ilustre oficial quasi no fim da nossa palestra.

Perguntámos-lhe ainda se o sr. general Pimenta de Castro o tinha reintegrado no seu logar de comandante, a que ele respondeu afirmativamente.

—Quando me foi notificada a exoneração, não deixei o meu posto, não só porque a lei me concede 8 dias, mas ainda por uma questão patriotica—para que os serviços se não deixassem de fazer.

A Republica conta nésta corporação com fieis e leaes servidores, não só por parte dos oficiaes mas tambem por parte das praças, que mais dignas são de que sejam atendidas as suas reclamações.

E a proposito das praças, que ele estima, lembra que o govêrno transacto gastava com a *formiga branca* mais de dois contos por dia e que nunca atendera ás instancias por ele feitas, para que se reformassem mais de 200 guardas que se encontram velhos e cançados, impossibilitados para o serviço e metendo gente nova.

—Devido a isso têm serviço de dois em dois quartos, quando a sua aspiração é que seja de tres em tres porque assim descançarão mais.

Por ultimo, quando já nos retiravamos, o sr. coronel Matos Cordeiro, que nos acompanha á porta, diz-nos que, em vista da atitude dos democraticos, ele resolvera abandonar aquele partido, onde se encontrava filiado, o que já fizéra.

—Quizéram especular com a guarda, mas enganaram-se. Esta corporação não pertence a partidos, mas á Patria e á Republica.

Assim finalisou a interessante palestra, que, no intuito de pormenorisar quanto possivel o movimento que nos ultimos tempos mais tem agitado o país, aqui deixâmos reproduzida sem outro motivo que não seja o de restabelecer a verdade com o testemunho dum homem que nós consideravamos, e ele mesmo confessa, um dos bons elementos do partido democratico.

No proximo n.º o *Democrata* publicará uma pagina *literaria* brilhantemente colaborada pelos melhores poetas e prosadores carnavalescos, que de certa maneira hade agradar á maior parte dos seus numerosos leitores.

Se nos chegar a tempo tencionâmos tambem reproduzir o coração de D. Ubaldo atravessado por um bicho imundo da familia dos *procopios* e que se desconfia ter sido a causa da morte do *chorado* socialista hespanhol.

E' vêr, pois, o numero da semana que vem.

O preço do gaz

Subiu um centavo em metro o gaz de iluminação, segundo o aviso que a Companhia fez distribuir ao publico. A falta de carvão e o preço exageradissimo porque se compra, são o motivo alegado para justificar o aumento, que, todavía, cessará apenas se normalise a situação em que a guerra nos colocou.

Mas quando será isso?

Agradecimento

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente, como seria desejo meu, a todas as pessoas que se interessaram por mim e me visitaram durante a minha doença, venho por esta forma cumprir o dever de lhes manifestar muito sinceramente o quanto me penhoraram os seus cuidados e agradecer-lhos com o mais vivo reconhecimento.

Aproveito tambem a oportunidade para aqui agradecer ao meu medico assistente, o sr. dr. Lourenço Peixinho, a maneira como me atendeu, nunca descurando o grave estado da minha saude e conduzindo a doença com uma proficiencia que muito me cativou.

Que a sua modestia me perdoe este testemunho, mas era do meu dever dar-lho.

Aveiro, 25 de janeiro de 1915.

Manuel Maria Moreira.

O Democrata, vende-se em Lisboa na ***Tabacaria Monaco***, ao Rocio

---

Notas mundanas

Está em Coimbra, exercendo interinamente o comando da 5.ª divisão militar, o coronel de infanteria 24, sr. Cristiano Braziel.

= Tem estado gravemente enfermo na sua casa do Paço, o que sentimos, o sr. Ventura Simões Aidos, considerado industrial.

= Seguiu para Pardelhas o sr. Antonio Lopes da Silva.

= Vimos em Aveiro esta semana os srs. Manuel Antonio Ferreira Pires, da Povoa do Forno; Claudio Portugal e Domingos de Carvalho, de Mamodeiro; Manuel Francisco Braz, da Povoa do Valado; dr. Abilio Marques, da Costa do Valado; João Nunes Pinguelo, de Ilhavo e dr. Eugenio Couceiro e esposa, da Mealhada.

PELA IMPRENSA

Apareceu nésta cidade um quinzenário intitulado *Luz e Vida*, dos estudantes da Escola Normal e que se diz educativo, literário e recreativo. Vem além disso com tenções de fomentar a concordia, pugnar pela justiça, divulgar uma moral pura e lançar mão de tudo quanto possa contribuir para o bem geral e taes desejos induzem-nos a incutir animo á mocidade para levar por deante a sua generosa iniciativa.

=Suspendeu a publicação, o que devéras sentimos, o nosso colléga de Coimbra, *Humanidade*, ultimamente dirigido pelo alferes de infanteria 23, sr. Eduardo Santos.

ACACIO SIMÕES

Passou terça-feira na estação de Aveiro com destino á capital onde hoje deve embarcar no paquete *rapido* da Empresa Nacional para Loanda, este nosso muito presado amigo e velho republicano, que, de visita aos seus, se encontrava na sua casa da Ferradosa desde meados do ano findo.

Muito trabalhador e inteligente, conhecendo a fundo uma grande parte da nossa provincia de Angola, Acacio Simões vai continuar lá a sua carreira comercial, esperando, no entanto, demorar-se o menos tempo possivel naquelas inhospitas regiões a não ser que motivos imprevistos determinem o contrario.

Que tenha uma viagem feliz e a fortuna o não desampare, é o que sincéramente lhe desejâmos.

SOIRÈE

Promovida pelo *Club dos Galitos* realisou-se na segunda-feira no Teatro Aveirense, ornamentado a capricho, uma brilhante *soirée* familiar á qual déram o concurso da sua presença muitas das nossas mais gentis e encantadoras tricaninhas.

Os camarotes e frisas achavam-se repletos e o baile, que decorreu animadissimo até á madrugada do dia seguinte, deixou perdoraveis recordações em quantos nele tomaram parte, pois nada desmereceu dos outros que o mesmo club marca através da sua existencia.

Agradecemos o convite com que fomos distinguidos.

Um busto

No cerebro fecundo de inclitos... varões *assinalados* germina agora a ideia dum busto no jardim, que prepétue a memoria de cérto politico, conhecido por a grande soma de esbanjamentos produzidos no seu tempo, a que não foi extranho o cofre municipal, e ainda pelas suas opiniões ultra-reaccionarias que o tornaram o homem mais odiado da geração liberal de 1889.

Não se trata de Agostinho Pinheiro, de Mendes Leite ou mesmo de Gustavo Ferreira Pinto, que incontestavelmente estão muito acima da personalidade que ora se quer impôr... de gesso. Esses não deixaram descendentes politicos, que possam dar, e assim não teem quem se lembre deles, dos seus serviços, do seu entranhado amor a esta terra pela qual se interessaram, fumentando e dirigindo obras de vulto mil vezes superiores ás da marca M. F. Pois então saiba-se, que, para escarneo, basta o que já existe a emporcalhar a cidade. Além disso, se o jardim é um *cemiterio*, como lhe chamam os taes varões .. *assinalados*, é até ridiculo ter o cadaver num e o busto no outro... Ridiculo e supinamente estupido.

Mas que raio de lembrança haviam de ter os emeritos engraxadores...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Viana da Mota

Se o primeiro concerto do eximio pianista foi assaz concorrido, o segundo excedeu tudo quanto era licito supôr do publico aveirense, que não só acorreu a ouvi-lo como ainda lhe tributou, e a sua esposa, aplausos, os mais calorosos, pela fórma como se houveram no desempenho do programa com que nos mimosearam.

Não temos pretenções a criticos e por isso nada mais dirêmos sobre os concertos de Viana da Mota senão que eles foram, na realidade, dignos do artista que os levou a efeito e que, por consagrado no estrangeiro, dispensa mais elogios de quem já a ele se referiu no numero anterior, fazendo inteira justiça ao seu grande merito.

Só o que nos resta é agradecer a quem têve a lembrança de nos proporcionar momentos tão agradaveis, como esses passados nas duas noites de teatro, e que foi Alvaro Lé, um apaixonado cultor da musica classica, a sua bela escolha, fazendo votos porque não fique por aqui a arrojada iniciativa a que se abalançou com tanto exito para si e para a arte.

O "Camaleão„ e as suas ofensas ao exercito

—=(*)=—

Em volta do incidente

Informando com toda a veracidade os leitores do *Democrata* da ocorrencia a que deu logar a publicação dum artigo no imundo papel da Vera-Cruz, contendo gràves ofensas ao prestigio e brio do exercito português, é do nosso dever não deixármos de registar que fôra enviada uma carta ao redactor da gazeta assinada por ambos os comandantes das duas unidades, que compõem a guarnição desta cidade, na qual era exigida que, com a mesma epigrafe que encimou a genial creação—*Degenerados*—fossem dadas as explicações que tinham o direito de exigir.

O pae do autor do artigo, porém, apareceu no quartel afim de apresentar a alguns oficiaes quanto sobre o assunto estava assente publicar e, entre lagrimas, pediu que desistissem da queixa contra seu filho pelas duras consequencias que tal facto lhe poderia trazer.

Não lhe tendo sido satisfeito o empenho e lido que foi o texto do escrito, logo reconhecido como de nenhum valor para o caso, um rascunho lhe entregou a oficialidade, que continha, pouco mais ou menos o bastante para a satisfação exigida.

O que é cérto é que, como diziamos ao fechar as nossas apreciações sobre o caso, o numero da gazeta do ultimo sabado era aguardado como difinitivo indicio do caminho a seguir nesta questão.

E lá vinha. O papel lá inseria o mesmissimo escrito que se havia apresentado no quartel mas com o qual nenhum oficial concordou por não satisfazer, na mais insignificante parcela, os seus desejos.

A *geremiada* que vem com o falso batismo de *Aclaração*, nada aclarando do que era preciso aclarar, não passa de mais um elogio á familia a quem o papel ha tantos anos exalta num constante desprezo por aquela grande verdade que regista a sabedoria das nações no seu velho anexim—*louvor em boca propria é vitupério.*

A inexgotavel vaidade aliada á evidente e largamente demonstrada pequenez intelectual da *troupe*, não deixou vêr a irremediavel queda do ministério defrontado com o importantissimo movimento de protésto a que esse desgraçado govêrno forçou o exercito.

Daí a falsa convicção de que tudo poderia dizer o papel, cérto na impunidade que viria da protecção do famoso ministro, que *tudo lo mandava*, mas que, com o exclusivo espanto da familia, caía desgraçadamente, para desafronta da nação ameaçada pelas consequencias grâves duma situação insustentavel e afrontosa.

E' ver como, num tom só deles, jesuitico puro, duma requintada hipocrisia em que são mestres, a proposito do que declaram ir dizer, mas que afinal nada dizem, aproveitam o ensejo para contar largas historias de não menos largas preponderancias — vitorias obtidas *pela resistencia do* Campeão *em Aveiro e da gente do* Campeão *em Lisboa!*

Pois quem colocou aqui cavalaria 8?

Foi, porventura, o reconhecimento duma necessidade estrategica, imposta por o estudo e analise de tecnicos sobre o assunto?

Qual carapuça!

Foram *as condições especiaes em que já na Republica se encontravam netos de Manuel Firmino, os irmãos Barbosa de Magalhães, e assim o* Campeão *coroava dentro em pouco a sua incessante cruzada com a recondução e a instalação, no seu antigo quartel, do atual regimento de cavalaria 8!!!*

Perceberam? Leram bem nas entrelinhas o aviso sobre *as condições especiaes em que se encontram, dentro da Republica, netos de Manuel Firmino, os irmãos Barbosa de Magalhães?*

A ameaça que estas palavras contém e que tão grosseiramente de novo é jogada ao exercito, não intimidou, porém, os interessados na liquidação final do assunto, visto não se terem dado por satisfeitos com a tal *aclaração-exaltação familiar.*

E assim é que, na quarta-feira, pelas 16 horas, enviou uma nova comissão, composta de oficiaes de ambas as armas, outra nota ao redactor do papel ou seja a ultima no campo em que até agora se teem defrontado com aquele individuo.

O que da entrevista resultou, guardam os emissarios o mais absoluto silencio até ámanhã, dia em que, por certo, a montanha dará de novo á luz—um rato!...

Aguardemos o parto...

Ao meritissimo Juiz de Direito da comarca de Aveiro

Brévemente vai V. Ex.ª julgar, com intarvalo de poucos dias, em tres audiencias, um pleito que é já largamente conhecido do publico por—*A questão da Povoa do Valado.*

Em cérta altura vai V. Ex.ª deparar, nessa deploravel questão, com o meu nome. Porque foi o meu nome arrastado para essa questiuncula mesquinha?

Permita-me que eu, filho da Povoa do Valado, pelo muito que prezo a minha terra, desejando vê-la engrandecida e educada, faça a V. Ex.ª, muito respeitosamente, uma exposição rigorosa e sincéra dos factos que provocaram o incidente em que me acho envolvido.

Como V. Ex.ª verificará, ele *nasceu* da realisação de melhoramentos com que deliberei dotar a minha aldeia e que uma alma vil e abjecta quiz contrariar, estorvando a sua efectivação, por todos os modos.

* * *

Tendo regressado á Povoa do Valado em Julho de 1913, depois de estar ausente de ali durante quarenta anos, notei, com grande espanto, que, naquela povoação, apesar de ser a mais populosa e comercial da freguezia de Requeixo, não havia uma escola oficial onde os meus patricios aprendessem a lêr. Constatei isto com profunda magua, pois sei bem quanta miseria tantas vezes espera os que emigram á busca do pão, por não saberem lêr.

E' a minha terra perseverantemente trabalhadora; ha aqui muitos negociantes e, lá fóra, ganhando a vida, muitos dos seus filhos trabalham.

Mas, como um labéo para todos nós, não existia aqui uma casa que ministrasse, ao menos, a educação elementar!

Verberei, indignado, o desleixo dos govêrnos pelo pouco cuidado que lhe merecia a educação do povo e, á minha aspera censura, alguns conterraneos e amigos responderam que havia já uma escola mixta creada ha quatro anos, mas que não funcionava por falta de casa e mobiliario escolar!

Assim informado e desejando o progresso da minha terra, dirigi-me, sem perda de tempo, ao Inspector escolar de Aveiro, sr. Domingos Cerqueira, a quem expuz o desejo ardente de vêr a Povoa do Valado dotada com uma escola.

O sr. Cerqueira respondeu que a escola funcionaria logo que houvésse quem oferecesse a casa e mobiliario.

Prometi imediatamente fornece-los, o que fiz o mais rapidamente possivel, realisando-se a inauguração da escola em fins de Outubro de 1913.

Foi um dia grande para esta terra que exultou delirantemente por vêr realisada a sua aspiração.

Fez-se uma festa modesta a que a presença das creanças de todo o lugar imprimiu uma nota alegre e buliçosa.

Um grande jubilo enchia o meu coração mais o dos meus patricios, pois ia ter, finalmente, de ali em deante, a Povoa, uma casa para educar os filhos.

Aqui tem V. Ex.ª, sr. dr. Juiz, a *étape inicial* da *Questão da Povoa do Valado.*

Não havia escola por falta de casa e mobiliario; ninguem os oferecia, mas, logo que apareci fazendo esse oferecimento, o cidadão Manuel dos Santos Coutinho, por infelicidade meu patricio e visinho, viu com maus olhos a minha generosa acção e começou a contrariar-me.

Andou de casa em casa aconselhando que não mandassem os filhos áquela escola pois ali apenas se ensinavam hinos e canticos de arvores—não se ensinando a rezar o padre nosso, nem a doutrina cristã!

Não satisfeito com isto, procurou a proprietaria da casa da escola, tentando convence-la de que não lhe pagavam o aluguer e por isso fosse rescindir o contrato e fechasse a casa.

A' minha habitação veio a pobre mulher contar o que aquele cidadão quiz incutir-lhe no espirito, responsabilisando-me eu pelo pagamento imediato do aluguer.

Via, deste modo, o patriotá de bôrra, Manuel dos Santos Coutinho, frustrados os seus ruins desejos de prejudicar a sua terra.

A escola, apesar da sua má vontade, do seu odio, é muito frequentada e o pagamento da renda fez-se.

* * *

A casa da escola está situada no centro da povoação, junto do *Largo dos Barreiros.* Este largo, que corre perto da estrada que passa de S. Bento a Nariz na direcção norte sul, tem sensivelmente a fórma dum paralelogramo, e é formado de terreno argiloso, irregular e semeado de covas, tornando-se, na época das chuvas, um charco lamacento e intransitavel. Ao sul do largo existia uma fonte e tanques que Manuel dos Santos Coutinho, a expensas da câmara, em tempo, mudára da parte norte do referido largo para proximo da sua casa, em frente ao portão de entrada, cujos sobejos de agua caíam e se espalhavam, a maior parte, pelo largo, tornando-o constantemente humido, encharcado, frio e insalubre.

Lembrei-me de aformoseàr e salubrisar aquele local, que fica tambem junto da capela da povoação, promovendo a sua terraplanagem e arborisação, pois podia servir, depois de convenientemente melhorado, para recreio e exercicio das creanças da escola. Mas, para isso, tornava-se preciso mudar, de ali, a fonte que o encharcava.

Procurando saber a quem me havia de dirigir para pedir aquele novo melhoramento, informaram-me que á câmara municipal, pois era ela que sempre ali mandára.

Na primeira sessão camararia do mez de Fevereiro de 1914, dirigi-me áquela corporação e expuz o meu pedido.

Deu-me a câmara, em resposta, que não podia atender e satisfazer a minha petição por falta de verba, o que muito me contristou.

Na sessão imediata voltei á câmara pedindo os mesmos melhoramentos e oferecendo-me para pagar toda a despêsa assim como oferecia mais, depois de realisado este beneficio publico, quinhentos escudos para auxilio da construção duma casa de escola na Povoa do Valado.

A câmara, em face do meu oferecimento, deliberou realisar aquela obra pondo á minha disposição as arvores precisas, um tecnico para dirigir os trabalhos e tirar a planta da fonte e novos tanques e ofereceu a terra da limpêsa das valêtas para aterros e alguns cantoneiros para ajudarem o serviço.

Em seguida pediu-me, o sr. Presidente, para, na ausencia do empregado da câmara, reparar e vigiar os serviços, ao que eu anuí.

Puzéram-se mãos á obra com bôa vontade. Plantaram-se as arvores; abriram-se valêtas; removeram-se para outro logar os adobos que ali existiam; demoliram-se os tanques e fonte e começou-se, em local apropriado e por toda a gente reconhecido como tal, a construção da fonte e tanques novos, sendo a agua conduzida em tubo de ferro galvanisado.

Surge, então, o cidadão Manuel dos Santos Coutinho tentando suspender a realisação destas obras, em nome da Junta de Paroquia de que é vogal!

Aqui tem V. Ex.ª, sr. dr. Juiz, a parte principal, a segunda *étape* que motivou a *Questão da Povoa do Valado.*

Eu tanto iria pedir este melhoramento á Junta de Paroquia, como á câmara; fui onde me disséram que devia ir.

A minha intenção era inteiramente honesta e bôa.

Era á Junta e não á Câmara que pertencia permitir e dirigir essas obras? Os tribunaes o dirão; mas mesmo no caso afirmativo, todos os actos que o cidadão Manuel dos Santos Coutinho tem praticado e arrastado outros a acompanha-lo, são repugnantes e criminosos.

Todos estes melhoramentos foram feitos com inteiro aplauso do povo deste logar, com excepção apenas de Manuel dos Santos Coutinho e de meia duzia de individuos seus dependentes.

Para que destruír os melhoramentos feitos por Pedro ou Sancho se, afinal, para todos nós são?

E' que este largo considerava-o o Coutinho como uma dependencia exclusivamente sua; era aqui que ele rachava e depositava as lenhas, empilhava adobos, depositava os milhos, os descamisava e secava a palha, etc., etc., tornando este local feio e ainda mais—porco.

E não devia zangar-se ele ao vêr-se privado do seu quintal?

Voltou de novo a andar de casa em casa dizendo ao povo que eu queria apossar-me do largo, indo cerca-lo de muro e grade e, por isso, que se levantasse toda a povoação para destruír as obras e cortar as arvores!

Ninguem deu ouvidos ao réles trampolineiro; todos conheceram a mentira do nojento intrujão.

Vendo-se desacompanhado, procurou, então, nos colegas da Junta, o apoio que na terra lhe negáram.

Mandou cortar as arvores, indo assalariar dois homens, um a Verba, da freguezia de Nariz e outro a Mamodeiro, pagando cincoenta centavos a cada um por tal serviço.

Enquanto os homens praticavam o córte das arvores, o Coutinho, radiante, observando aquela barbaridade que mandára praticar, ia-os animando, repetindo:—*cortem para deante;* **quantas plantarem cortam-se todas;** *nunca aí ficará uma!*

Mas chegou a festa Nacional da Arvore e as creanças das escolas fôram, no largo em que esses selvagens tinham cortado as primeiras, fazer a plantação doutras. Pois o Coutinho, pouco tempo depois, afirmava que essas seriam cortadas novamente!

E na verdade, na noite de quinta para sexta-feira santa, apareceram todas cortadas!

* * *

Ex.mo Sr. Dr. Juiz: Eu quiz, como V. Ex.ª vê, melhorar a minha terra; quiz, no melhor dos propositos, beneficia-la para a tornar mais linda; era, um filho seu, que tendo passado, longe dela, quarenta longos anos, queria amorosamente aformosea-la um tudo-nada. Era pouco o que lhe dava; mas era bem expontaneo e sincéro e traduzia um grande afecto.

E fosse de quem fosse o terreno, o melhoramento ficava, ali, para todos nós. Realisava-o eu, pecuniariamente, mas oferecia-o enternecidamente á minha terra, a quem tanto ambicionava vêr uma aldeia linda.

Pedi à Câmara, indevidamente, a sua realisação, quando devia te-la pedido á Junta de Paroquia?

Com bôa intenção o fiz e aos tribunaes sómente, desde que a Câmara interferiu e a Junta se opoz, competia resolver esse pleito.

E era dever da Junta procurar-me, falar-me e afirmar-me, em nome dos interesses da freguezia e especificadamente desta povoação, que me não melindrasse pois nos seus actos não havia intenção de me ferir.

Deixasse a Junta fazer os melhoramentos e, depois, se a razão estivésse do seu lado, dissésse á Câmara intrusa:—*Muito obrigado pelos seus serviços e canceiras mas, isto, simplesmente a nós pertence. Saiba-o de hoje para sempre.*

Não o quiz entender assim o cidadão Manuel dos Santos Coutinho porque não lhe convinha aos seus interesses particulares e precisava, para satisfação da sua inveja e odio, desgostar-me ostensivamente.

Este largo era como que pertença sua, foi sempre um quintal para sua exclusiva fruição.

Havia, de bôamente, deixa-lo saír da sua posse, consentir que o ajardinassem e ali construíssem o edificio das escolas?

Cheio de rancôr e desprezado na sua terra, Coutinho, arrastou os colégas da Junta a fazer côro com ele e a acompanha-lo na distruição da fonte e tanques cuja construção estava quasi terminada.

Andou por fóra da terra a convidar gente para ir com a Junta e a incita-la no ruim proposito de demolir a fonte e tanques. E tanto pediu e rogou que combinou, por fim, com os socios da Junta e uma duzia de assalariados de fóra do logar, quando muito, a procederem á destruição de tudo aquilo.

Receando qualquer desacato ás obras, o largo foi policiado durante muito tempo, pois Coutinho gabarolava-se de que um dia, sem o esperarem, os tanques e fonte seriam demolidos.

Provocadoramente, no dia 2 de Maio de 1914, dia em que se devia proceder á inauguração da fonte nova, ás 7 horas da manhã, da casa de Manuel dos Santos Coutinho saíu a Junta com este cidadão e um seu filho á frente. Acompanhava-os alguns homens, mulheres e creanças, munidos de alviões, picaretas e enxadas e dirigiram-se para os tanques onde o trolha Bernardino dos Santos andava acabando de fazer o revestimento de cimento.

— Que andas aí a fazer?—pergunta Coutinho mais o presidente da Junta.

— O que os srs. vêem, responde Bernardino.

— Isso vae já tudo pelos ares, retorquiu Coutinho.

Joaquim de Souza, que andava ali como servente do Bernardino e que é cabo de policia, ao ver aquela provocação, disse para Coutinho e filho:

— Não façam disturbios, nem prejuizo nos tanques, senão prendo-os.

— A' ordem de quem, recalcitrou Coutinho?

Responde-lhe o mesmo cabo:—*A' ordem da autoridade maior.*

Imediatamente Coutinho e filho saltam para cima dos tanques e começam a cavar.

— Alto!—grita o povo da Povoa do Valado. A quem destruir os tanques e a fonte quebra-se-lhe os braços, bradam muitas vozes de todos os lados.

Um grande clamor se levanta censurando aqueles malfeitores.

Coutinho, pae, desce do tanque e, brandindo a enxada, ameaça o cabo de ordens local, Manuel dos Santos Junior, o qual agarra pelo colarinho da camisa, insulta e lhe chama cabo de trampa e outras porcarias mais, ameaçando-o de o cavar com a mesma enxada com que destruia os tanques, o que obrigou esta autoridade a pedir socorro para enfrentar os discolos e fazer-se respeitar.

Neste momento, depois de se ver a autoridade desrespeitada e pedindo auxilio, ouve-se a detonação de alguns tiros disparados naturalmente para amedrontar aqueles provocadores e despersuadil-os dos seus ruins propositos.

E se não fosse a serenidade da autoridade e das pessoas que acorreram em seu auxilio e a intimidação produzida pela detonação dos tiros, certamente que, a estas horas, alguma coisa mais grave haveria a lamentar.

Aqui está, Ex.mo Sr. Dr. Juiz de Direito, o motivo porque se acha envolvido o meu nome nessa questão. Vim tambem em defeza dos tanques que umas creaturas perversas e loucas queriam destruir, pondo-me, ao mesmo tempo, ao lado da autoridade que tão repreensivelmente ali estava sendo desprestigiada. Eis o meu *crime*, o *nefando crime* de que me acusam Coutinho & C.ª.

A gente da minha terra mostrou uma grande serenidade e foi duma tolerancia extraordinaria perante a insensata provocação que extranhos, capitaneados por Coutinho, aqui vieram fazer.

Se fosse noutra terra mais belicosa, Ex.mo Sr. Dr. Juiz, essa gente teria ficado ali, a maior parte, estendida e morta no chão para qne ninguem mais tivesse a audacia de vir provocar uma terra pacata, que não vae intrometer-se na vida das outras povoações. Felizmente que a Povoa do Valado soube enfrentar essa situação louca que Coutinho, delirando, preparou e, sem fazer correr sangue, opôr-lhe uma resistencia tenaz e eficaz.

Depois disto, alguem levou essa junta a reconsiderar e a tomar o caminho devido.

Como V. Ex.ª vê, sr. Dr. Juiz, o cidadão Manuel dos Santos Coutinho é o unico causador da perturbação na minha terra.

Esta creatura, que é um mau cidadão, como veem demonstrando todos estes factos a V. Ex.ª, é dotado dum cinismo inqualificavel, duma alma tortuosa e escura, é mau visinho, mau pai, terror da aldeia, advogado das causas perdidas e falsario.

Mau visinho, porque tenta apossar-se do que é dos outros mudando os marcos a uns, tomando regueiros e valados a outros, e apropriando-se de salgueiros que lhe não pertencem.

Corre em Aveiro, agora, um processo para desapossar Coutinho dum terreno de que ilegitimamente se apoderou. E se mais processos não ha, é porque alguma gente não quer encomodar-se e outra tem medo deste mandão de aldeia, preferindo o seu socego embora fique lesada.

Falsario, porque tem andado por aí tentando subornar, de varias formas, testemunhas para jurarem a seu favor e a meter na cabeça do povo mentiras e falsidades.

Mau pai, porque deixou morrer ao abandono e na miseria o filho mais velho que, emquanto poude arrastar-se, veio muitas vezes, em frente á casa dele, invectiva-lo pelo seu procedimento deshumano, chegando algumas delas a envolverem-se em desordem, braço a braço, em lutas repetidas.

Pois esse filho do Coutinho foi recolhido e tratado pela caridade publica não indo o pai nem a familia visita-lo uma unica vez. Morreu em frente da habitação do pai, numa casa em que a caridade particular o recolheu, sem socorro algum da familia. E para se ver até onde chega o cinismo do Coutinho, tendo deixado morrer ali, a dois passos da sua habitação, um filho que tanto tinha trabalhado para o ajudar a governar e a aumentar a sua casa, basta dizer-se que encomendou um necrologio que publicou num jornal de Aveiro, com espanto de toda a gente da Povoa!

Terror de aldeia e advogado de causas perdidas é o que aí se vê a cada passo e que se prova quando ele quizer, assim como tudo que asseverâmos.

* * *

Aí tem V. Ex.ª a féra que tanto está perturbando a minha terra, e que transformou um melhoramento que eu achava tão belo, numa birra que enoja, que aborrece e que cança.

Se não fôra este mariola vir com esta caturrice, já, a estas horas, podia estar em construção a casa da escola que devia edificar-se no largo que ele tanto quer para *seu* quintal, e para a qual eu mandara oferecer, de novo, mil escudos.

Mas ele assim o tem entendido e nós ficámos quiéto. E' que cança, na verdade, teimar com brutos e maus.

Perdoe, Ex.mo Sr. Dr. Juiz, a ousadia de me dirigir a V. Ex.ª para lhe fazer esta exposição triste de factos, ousadia que só terá a atenuar-lhe a grandeza, o desgosto profundo que feriu o meu coração ante o tumultuar de tanta miseria. Não tinha outra maneira de me dirigir a V. Ex.ª e, pedindo desculpa da incorrecção da minha escrita, dum ou doutro termo mais aspero, eu juro a V. Ex.ª que fui sempre um bem intencionado, desejando tão somente o desenvolvimento da minha terra, sem querer qualquer luta pessoal ou politica.

Por ela me sacrifiquei, por ela sofri, porque a amo muito e por ela queria continuar a velar e sacrificar-me, ajudando-a a progredir e a aperfeiçoar-se.

Mas os mandões da aldeia são isto que V. Ex.ª vê: não querem saír da rotina, e só procuram satisfazer os seus odios e invejas.

Cõm a mais subida consideração, permita que me subscreva

De V. Ex.ª
At.º e Venerador

Povoa do Valado, fevereiro de 1915.

Manuel Francisco Braz.

Teatro Aveirense

E' ámanhã que se estreia o magnifico baritono brazileiro Artur de Castro, nas suas apreciaveis *canções cariocas*, que tem obtido o mais ruidoso sucesso em todo o paiz. Alem deste excelente numero de variedades, exibir-se-ha a celebre fita policial **Companheiros do Silencio** de 3000 metros, 3 partes, que já pelo entrecho palpitante, já pela *misencene* luxuosa, constitue ume verdadeira maravilha cinematografica.

As peças não são alteradas, apesar dos grandes encargos desta sessão.

Domingo realisar-se-ha, ás 21 horas, o primeiro baile de mascaras, abrilhantado pela Banda dos Voluntarios, completa.

Para os espetaculos de carnaval, que se realisam em 13 e 15, está a assinatnra aberta na Tabacaria Reis, aos Arcos, tendo havido grande procura de bilhetes. São sensacionais e de molde a despertarem franca e geral gargalhada.

Um repto

O *Mundo*, em grosso normando, tem convidado nos ultimos dias o sr. coronel Matos Cordeiro a justificar a afirmação que fez de gastar o governo transato mais de dois contos por dia com a chamada *formiga branca* e ontem emprazava aquele oficial a provar a sua afirmação.

Escusado será dizer que temos a maior curiosidade pelo esclarecimento deste caso, que se nos afigura de certo modo algo bicudo.

PARA ONDE CAMINHAMOS?

—=(*)=—

Pungente duvida que sempre me aflora ao espirito, vendo os inquietadores sintômas que vão tomando em nossos dias os ares da politica portuguêsa.

Não basta já a critica situação em que se encontra a nossa querida Patria por vêr irmãos nossos pelejar e defeder com sacrificio o patrimonio colonial da ambição teutonica; não basta já os revezes que ali sofremos inesperadamente, senão por cima de tudo ainda a funesta e sacrilega desarmonia que existe nos partidarios das diferentes *nuances* politicas, a ponto de se produzirem as cênas tristes a que o país, atonito, vem assistindo.

Duma desmedida ambição, onde viceja o interesse mutuo e a vã cubiça de mandar, que desastrosos efeitos nos tem acarretado em todas as grandes crises historicas e em todos os grâves momentos em que a Patria corre perigo essa estranha e anti-patriotica atitude!

E' por isso que implorâmos de todos os bons portuguêses o conjunto de uma união indivisivel para que todos cumpram rigorosamente as suas obrigações em tudo quanto fôr de bom e justo, repudiando, abertamente, a intriga e o odio pessoal, pondo toda a actividade e a razão em tudo quanto fôr util para o regimen, acabando com o patriotismo de barriga que portuguêses degenerados inventaram com o unico fim de se governarem e nada mais.

Agora mais do que nunca a Patria precisa que se olhe com atenção para aqueles que não se batem contra os seus irmãos, mas sim contra os barbaros teutonicos que nos querem roubar aquilo que nossos antepassados nos legaram. Mas não só isso. A Patria precisa desenvolver todas as energias que ainda lhe restam, precisa despertar para fazer cumprir rigorosamente as leis da Republica que teem sido enxovalhadas. E' por isso que á minha crença de republicano independente, em vista dos acontecimentos que atualmente ocorrem, me causou um grandissimo abalo moral, um profundo desgosto vêr a maneira tão destemperada e aleivosa como a Patria vai sendo tratada por aqueles que mais de perto a deviam estimar e reconhecer. Vá, senhores! Deixem-se dessa desmedida ambição politica e lembrem-se mais ao menos que vos sacrificastes em prol duma causa santa, prégando pelos tablados dos comicios para a redimir da servidão brigantina, humilhante e indigna! O país espera de vós, não o exemplo da desordem anarquica, mas sim a realisação daquilo que outr'ora nos comicios prégasteis.

Por este caminho em que a vaidade e a ambição sobreleva a tudo, para onde caminhâmos? Que fazemos? Sim, que fazemos no meio deste cáos, da desarmonia que só tem em mira apregoar aleivosias para fazer baquear este ou aquele govêrno?

O momento é grâve e preciso se torna, como já dissémos, unir todos num só pensamento, lançando as atenções para o parlamento, onde existe a verdadeira soberania nacional.

Viva a Patria!
Viva a Republica!

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 28 | 1 | 915.

Um republicano

INSTITUTO BRANCO RODRIGUES

—=(*)=—

Um cego de nascença que adquire vista

A Companhia dos caminhos de ferro portuguêses, aceitando o oferecimento que o sr. Branco Rodrigues lhe fez para admitir na sua instituição duas creanças cegas, filhas de empregados da Compauhia, aproveitou esse oferecimento para o menor de 8 anos, José Maria Carvalheiro, filho do assentador da via-ferrea Antonio Carvalheiro e de Emilia Barroca, guarda da linha em Marinha das Ondas, concelho da Figueira da Foz.

Esta creança, antes de dar entrada no Instituto de Cegos foi examinada pelo sr. dr. Gama Pinto, como são todos os

candidatos a alunos désta instituição.

Pelo facto de sofrer de cataracta congenita, ficou internada durante dois mêses, no Instituto Oftalmologico, onde foi operada com tanto exito, que conseguiu obter vista.

Depois de sair do Instituto Oftalmologico, foi apresentada pelo fundador do Instituto dos Cegos, ao sr. Mélo e Souza, presidente do conselho da administração da Companhia dos caminhos de ferro, que felicitou muito o sr. Branco Rodrigues, pelo brilhante resultado obtido.

Como a creança é de fraca compleição vai agora para a séde do Instituto dos Cegos, no Estoril, que é um verdadeiro Sanatorio, afim de adquirir forças e ao mesmo tempo receber instrução ministrada naquele estabelecimento.

Será o primeiro discipulo com vista que as professoras cegas vão ensinar e que apresentarão a exame de instrução primaria.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 21 de Janeiro

Foi aqui muito sentido o desastre sofrido em Angola pelas nossas tropas cobardemente massacradas pelos alemães.

=A comissão encarregada de obter donativos para a Cruz Vermelha Portuguêsa, já deu a sua primeira festa, que têve logar no dia 10 do corrente, no recinto da Associação Dramatica e Recreativa, ao Largo da Nazaré.

O produto déla será enviado brevemente para Lisboa, sendo agora por este vapor enviada uma letra na importancia de 1.250 escudos.

A segunda festa realizar-se-á no proximo dia 24, no teatro da Paz e para a qual muitas pessoas tem oferecido seus trabalhos gratuitos e bem assim diversos objectos. Espera-se grande animação e que a festa renda aproximadamente 3 contos, moeda brazileira.

E' muito para louvar a iniciativa da colonia portuguêsa, pois filantropicamente falando éla está sempre pronta a socorrer as pobres viuvas e filhos daquêles que tombaram no campo da defêsa da nossa mãe Patria.

Felizmente os portuguezes aqui residentes tem dado provas do seu patriotismo em todas as imergencias porque tem passado a Patria Portugueza.

=Do Recife fugiu no dia 1 de Janeiro corrente, o vapor alemão *Holger* que ali se achava desde 19 de Agosto ultimo carregado de mercadorias.

E' o terceiro navio alemão que foge de Pernambuco.

=Faleceram nésta capital durante o ano de 1914—3386 pessoas, sendo 1881 do sexo masculino e 1505 do sexo feminino.

Os nascimentos foram 2628, sendo 1403 do sexo masculino e 1225 do sexo feminino.

=A Inglaterra e a França apezar de andarem envolvidas na guerra com a Alemanha, não deixam de mandar ao Brazil representantes seus afim de colocar produtos no mercado brazileiro, concorrendo désta fórma para o engrandecimento das suas industrias.

Porém o govêrno português nada faz neste sentido, o que é bastante para lastimar.

=A pessima orientação politica do sr. Brito Camacho e outros tem dado logar a bastantes comentarios desagradaveis; mal sabe aquele cidadão o máu efeito que aqui produzem as suas *casmurrices*.

=Ao assumir o cargo de chefe de policia no Rio de Janeiro, em Novembro ultimo, o sr. Aureliano Leal, mandou proceder a um balanço no cofre da sua repartição e qual não foi o seu espanto ao encontrar a caixa sem uma moeda de cobre, tendo entrado 8 dias antes para a mesma 700 contos ! !

=A *Liga Portuguêsa de Repatriação* repatría por o vapor de ámanhã, dois indigentes, ficando ainda á espera de vez, nada menos de 27 pessoas !

Oferecemos este quadro de mizeria áquêles que queiram vir para esta terra, julgando encontrar aqui a felicidade.

Tambem escusado será dizer que cada vez é maior o numero de casas comerciaes fechadas por falta de movimento.

=A organisação do novo gabinete português foi um tanto comentada devido a fazer parte dele o pardacento Barbosa de Magalhães.

=O numero de caixeiros desempregados no Rio de Janeiro é de cêrca de seis mil.

Uma calamidade.

=O *deficit* da Republica Brazileira foi orçado em 94:960 contos, moeda papel.

=O verdadeiro *cancro*, e uma das principaes ruinas da sociedade humana é o vicio do jogo o qual se tem desenvolvido nêste Brazil assustadoramente, tendo se tornado publico ainda ha pouco.

Quem quizér vêr jogadores é ir, ás 15 horas, á travéssa Campos Sales, canto da rua João Alfredo, que lá encontrará grande numero dêles, impedindo o transito, á espera que chegue telegrama do Rio de Janeiro com o numero da sorte grande.

Maldito vicio...

=Cazou-se ha pouco com uma senhora portugueza das proximidades de Mangualde, o sr. Manuel Rodrigues Neta, natural de Cacia.

Ao novo casal enviâmos os nossos parabens.

=A' hora em que escrevo esta (16) corre o boato de que chegára telegrama de Lisboa dizendo ter havido ali uma nova tentativa de restauração monarquica em que se acham envolvidos 60 oficiaes, tendo-se efectuado mais de duas mil prisões.

A ser verdade, é para lastimar que essa gente não tenha juizo.

Se esses mizeraveis tivéssem sido rigorosamente castigados quando das outras tentativas, talvez agora não lhes sobejasse vontade para mais essa, que é uma vergonha para nós, portuguêses.

O que querem esses malvados? Penitenciária?

C.

José Soares Patricio

Agradecimento

Os abaixo assinados julgam ter agradecido a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral do extinto José Soares Patricio, que se efectuou na egreja désta freguezia no dia 27 do proximo passado.

Podendo. porém, ter-se dado qualquer falta involuntaria, vêm por este meio repará-la, reiterando a todos o seu mais profundo agradecimento.

S. João da Madeira, 1 de Fevereiro de 1915.

Antonio Soares Patricio
Clementina H. Soares da Silva
Quintino José da Silva.

Ultima hora

Contra uma torpêsa

Reuniram ontem ás 21 horas no *Centro Escolar Republicano* **as comissões Municipal e paroquiaes do partido democratico afim de apreciarem a local impressa no ultimo n.º do** *Progresso* **sobre a remuneração da chamada** *formiga branca* **resolvendo, ao que nos informam, emprazar o redactor do aludido jornal a provar e justificar a afirmação gratuita de que se fez éco, espalhando que pelos cofres da policia preventiva teem sido dispendidas várias quantias a titulo de remuneração por serviços prestados na defêsa da Republica.**

A reunião, que esteve muito concorrida e animada, terminou bastante tarde, tratando-se néla ainda de outros assuntos de caracter reservado por enquanto e tendentes todos a levantar quaesquer suspeições que porventura possam atingir os republicanos de Aveiro.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇAO)

No dia sete do proximo mez de fevereiro, por 11 horas e á porta do tribunal judicial désta comarca, se hade proceder á arrematação em hasta publica, pelo maior lanço oferecido acima das quantias abaixo mencionadas, segundo foi deliberado pelo conselho de familia e inventariante no inventario orfanologico a que se procede por obito de Ana de Jesus, casada, moradora que foi no logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, e êm que é inventariante João Maria Fernandes Cardoso, viuvo da falecida, residente no mesmo logar e freguezia, dos seguintes predios:

Uma morada de casas terreas com quintal, poço, parreiras e mais pertenças, sita no Mato Feijão, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de duzentos e cincoenta escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita no Mato Feijão, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de oitenta escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de noventa escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita tambem na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de setenta e cinco escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de setenta escudos;

E uma terra lavradia e mais pertenças, sita na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de cento e vinte escudos.

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Aveiro 19 de Janeiro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo